

BOLETIM DO GEPELE

(Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)



Número 13, 2023

ISSN 2763-7255



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Câmpus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....3

2. ARTIGO

A ancestralidade no romance *Torto arado* na ótica da linguística ecossistêmica.....3
Valdeni Venceslau Bevenuto (UFRPE)

APRESENTAÇÃO

Este número do *Boletim do GEPL* contém um único artigo, “A ancestralidade no romance *Torto arado* na ótica da linguística ecossistêmica”, de Valdení Venceslau Bevenuto, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). O autor participou, como ouvinte, da disciplina Ecologia Linguística ofertada por Hildo Honório do Couto no segundo semestre de 2022, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB. Apesar de provir de uma área diferente da linguística (e da ecolinguística) ele participou ativamente das discussões, inclusive enviando os trabalhos solicitados aos alunos regulares e aos alunos especiais. O presente artigo foi elaborado no contexto da disciplina. Na apresentação que se encontra no Currículo CNPq, consta o seguinte:

“Mestre em Letras (2019) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Especialista em Língua, Linguística e Literatura (2014). Graduado em Letras, com habilitação em Língua Inglesa (2013). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) pela UFRPE. Atua como educador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e professor da rede pública. É membro do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Formação em Educação do Campo (NUPEFEC) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do Grupo de Pesquisa Agroecologia e Agricultura Familiar Sustentável da UFRPE e do Grupo de Estudos Linguística Ecossistêmica da Universidade de Brasília (UnB)”.

Desde 2022 desenvolve o projeto “Agroecologia e Agricultura sustentável” na UFRPE. Suas publicações se enquadram na área de agroecologia de uma perspectiva ecológica e ambiental.

* * * * *

ARTIGO

A ancestralidade no romance *Torto arado* na ótica da linguística ecossistêmica

Valdení Venceslau Bevenuto
Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO: Este estudo tem como objetivo central estudar, pela ótica da Linguística Ecossistêmica, o elemento da ancestralidade apresentada no livro *Torto Arado*. Será apontada na narrativa a ancestralidade presente na reminiscência quilombola e nas manifestações sociais e culturais dos negros e negras, trazidos na obra como contribuição ao desenvolvimento do enredo. *Torto Arado* é uma obra de ficção publicada em 2019. O enredo ocorre a partir da história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, mulheres negras que moram em uma fazenda que passa a ser reivindicada pelos camponeses e camponesas. Durante a narrativa enxerga-se alguns pontos importantes discutidos pelo autor, tais como: os direitos da população afrodescendente brasileira, a memória coletiva de um povo, o poder da linguagem, a luta pelo território e pela terra. Como resultado deste estudo, entre outros, destaca-se que a resolução dos conflitos do enredo não se baseia em leis e valores éticos, mas na força bruta dos que têm o poder.

1. Introdução

O Hino da Proclamação da República foi composto por Leopoldo Miguez, em 1890, para celebrar a proclamação da Primeira República no Brasil. A letra do Hino imprime uma ideia de otimismo na nova era política e destaca o idealismo de liberdade, justiça, democracia e valores republicanos, tornando-se símbolo da história política do país. No entanto, a realidade histórica do Brasil da época da Proclamação foi mais complexa do que sugere o Hino. As instabilidades política e social da época não são expressas no Hino, além da letra sugerir silenciamento de parte de nossa História “nós nem cremos que escravos outrora/ tenha havido em tão nobre País/ Hoje o rubro lampejo da aurora/ Acha irmãos, não tiranos hostis/ Somos todos iguais! Ao futuro/ Saberemos, unidos, levar/ Nosso augusto estandarte que, puro/ Brilha, ovante, da Pátria no altar!”. Esse silêncio que parece querer ser imposto a um grupo social ou à história escravocrata brasileira é trazido à claridade contemporânea das narrativas por vários autores literários, entre eles Vieira Júnior (2019) em *Torto Arado*.

A escravidão no Brasil foi movida por um grande processo de exclusão e exploração social de negros e negras, contudo com muitas resistências. Compreender a vida do povo negro requer também entender a ancestralidade e a memória coletiva desse povo. Este artigo pretende analisar o livro *Torto Arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2019), trazendo a ancestralidade presente na narrativa, desvelando-a como elemento essencial para o desenvolvimento da narrativa.

A literatura e a Linguística Ecológica (LE) podem ser áreas complementares e juntas abordarem questões importantes referentes à língua, ao meio ambiente e à sociedade. A LE, sendo uma área interdisciplinar que estuda a relação entre a língua/linguagem e os ecossistemas, tem como objetivo entender como as línguas integram os ecossistemas e como podem ser utilizadas para preservá-los.

Uma primeira observação que este estudo faz diz respeito à estreita relação que existe entre ancestralidade e língua, na medida em que a língua é uma interação comunicativa, ou melhor, a própria comunicação, desempenhando um importante papel na difusão de crenças ancestrais e práticas culturais, incluindo conhecimentos sobre os ecossistemas, e na preservação da memória coletiva da sociedade.

Percebendo a importância dada ao tema da ancestralidade no romance *Torto Arado*, esta pesquisa lança mão da seguinte pergunta: Que contribuição a ancestralidade

dá ao enredo? À procura de respostas a essa questão, a LE contribuirá na análise do fenômeno da linguagem, entendendo que existe uma relação entre literatura e LE que está relacionada à função que a literatura tem em retratar questões relacionadas à língua e aos ecossistemas.

Para dar continuidade a essa procura é necessário compreender que, para a LE, a ancestralidade pode ser entendida como interação entre os povos para a preservação de seus conhecimentos, crenças e práticas culturais e a defesa do território, ajudando a compreender a relação entre as línguas e os ecossistemas. A LE estuda e valoriza as tradições e os conhecimentos, podendo contribuir para a preservação da vida e a defesa do território.

2. A Linguística Ecológica

Para Couto (2007), Ecolinguística se trata dos estudos das relações entre língua e meio ambiente. Trata-se de uma disciplina que vem crescendo nos últimos anos graças a uma gama de pesquisadores e pesquisadoras que vêm se dedicando ao ramo da Ecologia Linguística.

Um dos ramos teóricos que vem se destacando no Brasil é a Linguística Ecológica, uma teoria que, tendo aqui entre nós como desbravador Couto (2007, 2012, 2013, 2015a, 2015b, 2016), estuda o ecossistema linguístico e as interações que se dão em seu interior.

Couto (2015b, p. 4) diz que “a expressão ‘linguística ecológica’ deve ser entendida num sentido quase literal”, isso porque, como ele mesmo complementa, “se trata de um tipo de estudo de fenômenos da linguagem, ou seja, uma linguística que parte do conceito de ecossistema para erigir suas bases epistemológicas.” Entendendo aqui ecossistema como “o todo formado por uma população de organismos vivos, o meio em que vivem e as interações entre organismos e meio, bem como pelas interações entre os indivíduos dessa população de organismos” (COUTO, 2015b, p.4), ou seja, são interações entre organismos em um determinado meio, podendo se dar entre indivíduos ou entre indivíduo e o mundo.

Numa leitura da relação ecologia-ecossistema, Couto (2015b) propõe três ecossistemas (social, mental e ambiental). Os ecossistemas social, mental e ambiental, para a LE, serão tratados como conceitos para descrever diferentes aspectos do

ambiente em que as línguas são usadas. Desse modo, o ecossistema social se referirá às estruturas sociais em que a língua está situada, incluindo os territórios em que os povos falam a língua, bem como as normas que regem as interações; o natural se referirá às questões geográficas, que inclui clima, vegetação, topografia, etc., que influenciam a forma como os povos vivem e fazem uso da língua e se comportam (ecossistema mental). A esses três, Couto (2015b) sugere a adição de um ecossistema integral, que inclui todos os aspectos mentais, sociais e físicos. O autor considera a língua como elemento dinâmico de sistemas complexos e interligados que podem ser afetados por fatores internos e externos à língua.

Couto (2015b, p. 7) advoga que:

Na ecologia biológica ecossistema é o todo formado por uma população (P) de organismos, seu habitat ou território (T) e as interações (I) entre eles. Na ecologia linguística, em alemão *Sprachökologie* (outro nome para 'linguística ecossistêmica') é a mesma coisa. O ecossistema linguístico é formado por uma população ou povo (P), vivendo em seu território (T) e interagindo verbalmente pelo modo comunitário de interagir (L). A única diferença, se é que se trata de diferença, é que no ecossistema linguístico as interações (I) são chamadas de língua (L). Como a questão dos ecossistemas linguísticos já se encontra relativamente bem discutida em diversas publicações que se veem nas referências, aqui eu vou apenas mencioná-los, com comentários bem sucintos.

Na LE a relação entre povo, território e língua é estreita, onde cada um desses elementos influencia e é influenciado pelo outro. Sendo a língua percebida como integrante da identidade cultural de um povo, e é fortemente ligada ao território em que esse povo vive e faz uso da língua. O território pode influenciar o uso da língua; esta é moldada de acordo com as culturas e necessidades dos povos. Os povos também podem ser influenciados pela língua, já que esta é uma parte importante da identidade cultural.

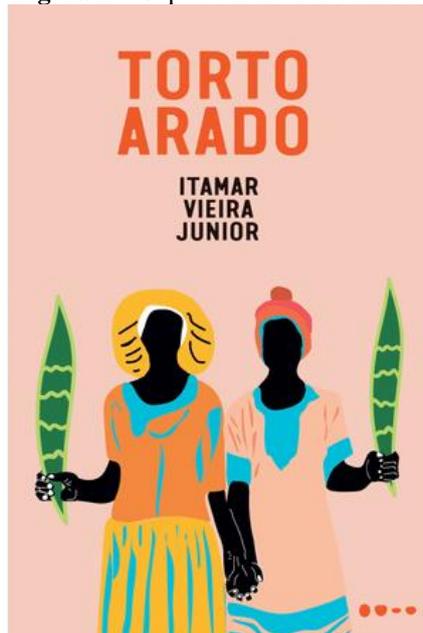
3. Torto Arado

O livro *Torto Arado* (2019) traz a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia. Esta é ligada à terra e aquela é envolvida em questões mais de cunho político. Trata-se de duas mulheres quilombolas que moram em uma grande fazenda em disputa por um grupo de camponeses que reivindicam sua posse. Mais do que retratar a vida do camponês no Brasil, a obra mostra de forma realista e poética as dificuldades e superações, e com riqueza nas descrições sobre a relação do homem com a terra. A

narrativa é fluida, imergindo o leitor na atmosfera do sertão brasileiro e nas lutas diárias das personagens.

Na história contada por Vieira Júnior (2019), tudo remonta ao século XX. Foi nesse século que ocorreram as grandes guerras mundiais e civis, os grandes genocídios e as grandes lutas sociais, entre elas, o movimento de libertação das mulheres e a reivindicação do legado indígena e quilombola na América Latina. Fornido por essa moldura social, o autor traz muitos temas relacionados à vida do povo quilombola, como podemos observar pelas vozes das personagens de *Torto Arado*: trabalho escravo ou análogo à escravidão; racismo; religião de matriz africana; violência contra a mulher/patriarcalismo; união e solidariedade entre as pessoas; luta pela terra e pelo território; memória coletiva/biocultural; a importância da linguagem; a medicina alternativa; infância no campo; vida de parteiras; cultura e comidas típicas.

Figura 1 – Capa do livro *Torto Arado*



Fonte: Torto Arado (2019)

O romance é apresentado em três partes que são narradas por personagens diferentes. A primeira parte do livro é chamada de Fio de Corte, narrada por Bibiana. A segunda parte leva o nome do livro, e é narrada por Belonísia. Já a terceira parte, Rio de Sangue, é narrada por uma personagem “encantada”, que é denominada de Santa Rita Pescadeira.

O cenário onde ocorre a narrativa são as terras da fazenda, um latifúndio situado na região da Chapada Diamantina, no interior da Bahia, e que parece sofrer as reminiscências da escravidão. Os negros que moram nestas terras, Comunidade Água Negra, não possuem o direito legal sobre a fazenda e não podem passar para seus descendentes ou construir casas de alvenaria. Assim, os negros da comunidade vivem em tapera ou casa de táboa. Essas moradias eram fabricadas pelos próprios negros com a madeira e o barro do próprio lugar.

Sinteticamente este estudo partirá da língua/linguagem, território e povo. A linguagem/língua marca toda uma simbologia na narrativa de *Torto Arado*, principalmente quando se observa a personagem Belonísia que perdeu a língua. Em uma brincadeira com uma faca, Bibiana a fere. Esse fato torna-se símbolo da falta de voz do povo quilombola. A personagem perde a voz, mas encontra outras formas de linguagem para se comunicar, a partir de outros sentidos, outras vezes a irmã passa a ser sua fala.

A linguagem utilizada em *Torto Arado* é descritiva e evocativa, rica em detalhes, buscando transmitir a atmosfera da vida do povo camponês da região Nordeste e evocando costumes, tradições e paisagens da região. O romance de Vieira Júnior (2019) traz elementos poéticos para a prosa, criando, assim, estilo único que colabora para a construção da narrativa e sendo ferramenta essencial para a transmissão da mensagem e abordagens dos temas.

A comunicação entre as personagens ocorre de maneira natural e com base na realidade. As conversas são tecidas através de diálogos informais que fazem memória a tradições que procuram não deixá-las morrer. É também nas conversas que são explorados os conflitos e tensões que existem entre as personagens.

O território no romance é caracterizado como causa de conflitos, de reminiscências e resiliências. O ecossistema natural, desse modo, é apresentado não só em suas características físicas, mas em sua geopolítica. Trata-se de um relevo e clima situados no semiárido nordestino onde o solo é utilizado para a agricultura, para plantar abóbora, feijão, quiabo, arroz, cana, tomates e criar animais. Região que passa por momentos difíceis com a chegada da estiagem.

O espaço onde se abrigavam, nesse contexto, parece ser fundamental para entender o sentido de pertença; não tinham o direito de construir uma casa de alvenaria

ou plantar roça. A casa para a personagem não tem só sentido de abrigo, é também reminiscência e resiliência.

O elemento povo, em *Torto Arado*, é representado por personagens que são caracterizadas de maneira diversa. Algumas personagens são fortes, corajosas e distintas, moldadas pelas condições sociais e culturais em que se situam. Outras personagens são caracterizadas sendo mais frágeis e indecisas. As personagens mais complexas representam as tensões sociais e políticas da época que aqueles povos passaram, retratando, assim, a diversidade humana e os traços de caráter que existem na sociedade. Resumidamente, os povos quilombolas são retratados em *Torto Arado* através de sua cultura, história, valores e tradições, destacando, assim, a importância da preservação das culturas desses povos, assim como a luta das personagens para preservar sua identidade cultural em meio à pressões sociais e políticas.

A maneira das personagens se comportarem e de se expressarem em *Torto Arado*, o que é característica do ecossistema mental, é influenciado pelos valores, costumes, ancestralidade, forma de organização, ou seja, pelo ecossistema social. Desse modo, neste plano perpassa alguns temas abordados por Vieira Júnior (2019), tais como: racismo, violência contra as mulheres, os direitos das mulheres, o trabalho das parteiras, a vida em comunidade, a vida na infância, a memória biocultural e coletiva, a luta pela terra e pelo território, a escravidão, expressões culturais e religiosas.

4. A literatura e a ancestralidade

Para Rosenfeld (1998) literatura é aquilo que parece fixado por meio das letras, como os romances por exemplo. Já a literatura ficcional é designada como as belas letras, diferenciando de outras escritas pela estética que, para este mesmo autor, as personagens são os principais responsáveis pela ficcionalidade da obra que, conforme afirma Cândido (1998), são entidades fictícias que vivem os fatos que compõem o enredo, não podendo existir sem outros elementos que os constituem, atingindo a plenitude de significado dentro de um contexto. A literatura é uma expressão de arte que se dá através da língua. Sendo assim, a literatura, em geral, retrata as relações entre a sociedade e o ambiente, bem como para transmitir mensagens políticas, sociais e culturais.

Sobre o enredo, Cândido (1998) diz que sua existência depende da personagem, na medida que esta se encontra no espaço literário vive a vida sem temer a morte, que

na qualidade da ancestralidade transita entre o visível e o invisível. Como reflete Oliveira (2022), os espaços de ficção da personagem são variados e se manifestam de diversas formas em recursos diferentes: numa casa, numa plantação, num rio. O passado retorna como representação de costumes em que são valorizados à exceção das exceções às regras, as originalidades, os detalhes que não são-vistos mais no presente, produzindo ponto de reflexão para a vida cotidiana.

Oliveira (2022) afirma que entre os recursos importantes para a identificação da marca ancestral, valorizam-se as narrativas que têm referenciais discursivos com base na oralidade, porque a discursividade advinda dessa maneira de expressão traz uma carga ancestral que promove o diálogo pertinente aos mundos dos vivos e dos ancestrais.

Todos são o resultado de um processo cultural situado, e a escrita, como suporte e registro da oralidade, pode ocupar um lugar estratégico nesse processo, como forma de disseminar a arte, preservar as expressões religiosas, conservar e divulgar o patrimônio material e imaterial, rememorar processos de resistências e como movimento de valorização das experiências oriundas da ancestralidade.

Ancestralidade ganha força em algumas narrativas contemporâneas como forma organizativa da narração do enredo, representando, também, imagens pautadas na ancestralidade de matriz africana, fazendo com que esse tipo de narrativa ocupe um lugar central na literatura brasileira.

Para os povos quilombolas, a ancestralidade é elementantíssimo para sua identidade, pois está associado ao legado histórico, cultural e social de seu povo. As tradições, danças, músicas, os valores, costumes, crenças também são elementos importantes que compõem a ancestralidade.

Essa ancestralidade está enraizada na vida dos povos quilombolas, descendentes de escravos africanos que fugiram dos engenhos e se fixaram em comunidades espalhadas pelo Brasil. Sendo, assim, a ancestralidade é uma noção fundamental de entendimento da identidade quilombola e do pertencimento a um grupo e território.

Na obra de Vieira Júnior (2019), a ancestralidade é elemento fundamental para entender o enredo, pois ela é caracterizada como sendo elemento identitário e parte fundamental da cultura e das tradições dos povos quilombolas. Para as personagens do

livro, a ancestralidade é motivo de orgulho e de pertencimento, fonte de sabedoria e conhecimento.

A ancestralidade, em *Torto Arado*, contribui para a formação das próprias personalidades e identidade das personagens e é utilizada para a exploração das tensões e conflitos sociais e políticos existentes na sociedade retratada na obra. Sendo elemento crucial para a compreensão das tensões, o romance destaca a importância da luta pela preservação das tradições da resistência contra as forças que ameaçam destruir a ancestralidade.

5. A lente da LE sobre o romance *Torto Arado*

A partir do que a LE compreende por texto-discurso, podemos afirmar que a literatura é entendida como uma forma de interação e comunicação que se utiliza de recursos textuais-discursivos para imprimir ideias, valores, emoções e conhecimentos e que está ligada aos ecossistemas da língua.

Na literatura, enredo é importante porque é elemento que estrutura e dá sentido à narrativa. É o enredo que dará ao autor oportunidades de apresentar as personagens (CÂNDIDO, 1998), ideias, situações, criando um arco narrativo que pode ser usado para transmitir mensagens, evocar emoções ou entreter o leitor. É pelo enredo que a trama se dá, que o suspense acontece, que o drama se desenvolve e que a tensão se realiza.

Na LE, enredo não é um conceito vastamente empregado, mas “como linguístico-ecossistemicamente língua é interação, toda manifestação linguística deve ser encarada dessa perspectiva, inclusive o texto” (COUTO, 2017, p. 24). Desse modo, a noção de enredo pode ser compreendida como um texto narrativo que descreve/apresenta a relação entre a língua, os povos, os territórios e ecossistemas. Em outras palavras, pode se referir a narrativa que ilustra como a língua é utilizada para a interação e comunicação entre os povos, para preservar conhecimentos tradicionais e refletir sobre as relações entre as pessoas. A LE pode usar enredos para compreender a forma como as narrativas são construídas sobre os ecossistemas e para entender como podem ser usadas para promover e defender a vida.

5.1. O elemento “povo”

No romance *Torto Arado*, Vieira Júnior (2019), caracteriza o povo como sendo simples que tem relações fortes com seu território e suas tradições. Esse povo,

remanescentes de quilombolas, é tratado como composto de pessoas corajosas que sofrem com pobreza, violências e as adversidades da região sertaneja.

5.2. O elemento “território”

No romance de Vieira Júnior (2019) o território é o Sertão Nordestino do Brasil, Chapada Diamantina, apresentada com suas adversidades, mas também cheio de poesia, beleza e riqueza cultural. Apesar de, também, ser apresentada como uma região com poucas condições sociais, é retratada em sua força e fé a partir da vivência dos homens e das mulheres do campo.

O sertão que é descrito no romance de Vieira Júnior (2019) não é tão hostil quando se comparado com *Vidas Secas*, romance publicado em 1938 por Graciliano Ramos. A paisagem sertaneja é retratada neste romance contemporâneo não somente como ambiente natural e cenário ideal para o desenvolvimento do enredo, mas como sendo um ambiente influenciador na narrativa e na vida das personagens.

5.3. O elemento “língua”

A língua retratada no romance *Torto Arado* é rica em expressões populares, metáforas, provérbios, e reflete a cultura e a tradição do povo sertanejo. Além disso, a linguagem das personagens também é influenciada pela religiosidade e pela relação próxima com a natureza. Tudo isso contribui para a criação de um ambiente autêntico e realista no romance.

5.4. A ancestralidade entre a língua, a terra e o povo

A ancestralidade é presença constante no enredo de *Torto Arado* e está estreitamente interligada com toda a trama. Ela não é só pano de fundo, mas é retratada como fonte de referência e identidade (religião, união, solidariedade, luta pela terra e território, linguagem, medicina alternativa, lembrança da vida na infância, cultura de parteiras, comidas típicas, os ritos do jarê) para as personagens que buscam se conectar com suas raízes e com as tradições de seus antepassados ou como forma de manutenção do *status quo* (trabalhadores e trabalhadoras que vivem em condições de trabalho escravo contemporâneo, racismo, patriarcalismo), ou ainda, como sendo capaz de organizar o mundo à volta, como afirma Oliveira (2022). O coronelismo exerce grande

influência e poder sobre a região, controlando a economia local e mantendo a população submissa através do uso da violência (trabalho escravo contemporâneo) e a influência política.

O ecossistema social além de ser retratado pelas personagens que lutam contra as hierarquias sociais, buscando formas de vida mais democráticas, ele é retratado na forma que a ancestralidade é apresentada. No romance, a ancestralidade podia não ser somente fonte de resistência e coragem para enfrentar as adversidade do clima semiárido, mas também avanço no enfrentamento ao coronelismo, elemento dominante na sociedade rural do século XX.

Por estarem os remanescentes de quilombolas em um espaço de limites geográficos (seca, por exemplo), sem acesso à água, a relação com ecossistema natural é evidente na relação com a ancestralidade.

O romance se passa no sertão baiano, Chapada Diamantina, onde o meio ambiente é fonte de recursos para a sobrevivência mas também como elemento da cultura e tradição do povo quilombola, com suas crenças e religiosidade ligada diretamente à natureza sendo transmitidas de geração em geração. A ancestralidade é fonte de valores e crenças que influencia na ralação das personagens com a natureza (representada pelo povo quilombola) e a falta dela está representada na falta de respeito pela natureza e falta de valores (representado pelos coronéis).

A contribuição do ecossistema natural da língua faz da narrativa uma proposta inovadora de enredo (uma narradora que fala, uma muda, uma encantada). Mas também esse mesmo ecossistema natural, convoca as personagens a se moverem e agirem (ecossistema mental) em direção a uma subversão da ordem ou a mudanças de plano (ecossistema social). Bibiana (p. 170) diz:

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque minha boca poderia sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade.

Um romance como *Torto Arado* traduz a constituição do processo de ancestralidade de um povo ao trazer à tona elementos que estão diretamente relacionados ao registro da identidade de um povo a partir de uma personagem que se nega a “calar”, mesmo após, como diz Bibiana, o lume decepar sua língua (p. 92).

A narrativa realizada por Bibiana contempla a presença dos antepassados, assim como a valorização da sabedoria dos mais velhos, permanecendo no limite entre as crenças e, também, as descrenças provocadas pelo distanciamento da irmã, as mortes e os conflitos provocados pela luta do acesso à posse definitiva da terra. Talvez, somada à terceira narradora do romance, seja Bibiana a personagem que mais representa o elo do enredo com a ancestralidade.

Nos ecossistemas mental e social está a vivência diária dos povos quilombolas de Água Negra. Os povos afrodescendentes evocam os encantados para proteger sua semeadura, assim como para guiar sua vida. Nos momentos celebrativos ocorrem danças e cantos aos encantados.

Vieira Júnior (2019), em *Torto Arado*, narra tradições, crenças, valores, costumes, religiosidade e conflitos que circundam a vida das personagens. O autor traz vários elementos que estão no imaginário de tradição ancestral. A ancestralidade é retratada como elemento essencial para a perpetuação da cultura e da língua, que são mostradas como sendo indissociáveis da história e da vida. A ancestralidade, portanto, é essencial para a construção da identidade das personagens do romance e ameaçada pela violência e opressão.

6. Considerações finais

Ao longo de toda a narrativa, fica evidente a associação entre a ancestralidade e o enredo da história, porém a ancestralidade dos povos quilombolas, desprezada pelos que têm o poder e responsável por ilustrar a relação harmoniosa desses povos com o ecossistema natural (a natureza), parece não ser fator importante na solução dos conflitos. Embora a ancestralidade, elemento fundamental para entender os conflitos presentes na narrativa e a forma como são perpetuados, o que se percebe é que existe uma forte presença do racismo e da opressão sofrida pelas personagens negras, sendo retratados como submissos e sem poder para influenciar nas soluções dos conflitos. É os que têm o poder que impede o desenvolvimento da liberdade das personagens. Levando

em consideração o ecossistema mental, a ancestralidade, assim, é retratada como uma realidade oprimida e subalterna na sociedade retratada.

Os conflitos no romance são resolvidos de maneira autoritária e violenta, o que reflete a realidade dos povos do campo do século XIX no Brasil, marcada por desigualdades sociais e pela ausência de instituições e leis que pudessem resolver os conflitos por terra e pelo território, por exemplo.

Ao contrário da ancestralidade do povo quilombola, a “ancestralidade” dos coronéis, que ilustra uma relação de desrespeito com o ecossistema natural, é usada para justificar a posição de poder e a forma autoritária para resolver os conflitos. De modo geral, a ancestralidade é apresentada como fator que pode ser usado tanto para justificar o *status quo* quanto para justificar a resistência a ele.

O coronelismo é retratado como o principal responsável por produzir os conflitos, mas também de resolvê-los, mesmo fazendo isso por uso de capatazes, bandos armados e da imposição de sua vontade, reforçando a posição de poder e autoridade. Isso simboliza uma grande ameaça ao ecossistema integral, que só é possível por meio de relações mais equilibradas. Assim, a resolução dos conflitos no romance não é baseada em leis e valores éticos, mas sim unicamente na força bruta dos que têm o poder.

7. Referências

CÂNDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida. **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COUTO, H. H. Ecolinguística. **Estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo H do. **O tao da linguagem**: um caminho suave para a redação. Campinas: Pontes, 2012.

COUTO, Hildo H do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

COUTO, Hildo H do. Linguística ecossistêmica. **Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015a.

COUTO, Hildo H do. Por que linguística ecossistêmica? Via Litterae, **Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 7, n. 1, p. 3-20, 2015b.

COUTO, Hildo H do. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. et al. (org.) **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora da UFG, 2016. p. 209-262.

COUTO, Hildo H. do. Notas sobre o conceito de texto na Linguística Ecossistêmica. **Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 22-36, 2017.

OLIVEIRA, Jurema José de. **A ancestralidade e as narratologias**. 1ª. ed. Curitiba: Appis Editora, 2022.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.